

**Fernando Azevedo
(Org.)**

**Formar Leitores Literários
Ideias e Estratégias**

**Braga
Centro de Investigação em Estudos da Criança
Instituto de Educação
Universidade do Minho**

Esta obra foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) e cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) no âmbito do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com a referência POCI-01-0145-FEDER-007562



Título: **Formar leitores literários. Ideias e Estratégias**
Organização: Fernando Azevedo
Edição: Centro de Investigação em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho
Braga (Portugal)
<http://www.ciec-uminho.org/>
Coleção: Estudos Literários, 5
ISBN: 978-972-8952-49-5
Data: 2018

Índice

Formar leitores literários.....	5
CAPÍTULO 1 - Que livro queres ler quando fores grande?.....	9
CAPÍTULO 2 - Frases Andantes.....	17
CAPÍTULO 3 - Hora do Conto!	21
CAPÍTULO 4 - Trocas de Leitura	25
CAPÍTULO 5 - A casa de leitura do Pai Natal	27
CAPÍTULO 6 - Natal a ler	31
CAPÍTULO 7 - Chá com Letras	33
CAPÍTULO 8 - Logoterapia Cultural	37
CAPÍTULO 9 - O Pai Natal chegou e trouxe histórias.....	43
CAPÍTULO 10 - Mariana, a princesa que não sabia comportar-se	69
CAPÍTULO 11 - Para não seres cabeça dura, dedica-te à leitura	75
Referências.....	77
Sobre o organizador da obra.....	78

In Memoriam

Deixamos aqui uma pequena palavra, mas de grande dimensão, à nossa colega e amiga Adriana Martins, dizendo que, para sempre, estará presente em todas as nossas vivências e queremos deixar, bem citada e com mui grande significado, a seguinte deixa, "Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós", de Antoine de Saint-Exupéry

Adriana Marlene Miranda Figueiras
Ana Filipa da Cunha Ferreira
Ana Filipa Meireles Lopes
Ana Isabel Machado Fernandes
Ana Isabel Martins de Sousa
Ana Raquel Fonseca Faria
Ana Raquel Moreira Pinho
Ana Rita Braga da Costa
Ana Rita Freitas Oliveira
Ana Rita Pereira Silva Almeida
Ana Sofia Pinho Moreira
Andreia Manuela Pereira Soares
Beatriz Martins de Almeida
Celeste Regina Paíga Santos Carvalho Azevedo
Clara Freitas Marques
Claudia Sofia Gonçalves Rocha
Filipa Alexandra Martins Pereira
Filipa Isabel Alves Carvalho
Filipa Vanessa Guimarães Machado
Gabriela Cunha Ribeiro
Gabriela Da Silva Gonçalves
Helena Isabel Félix Castro
Helena Raquel Monteiro da Silva
Inês Pereira Alves
Izabella Rodrigues Silveira
Joana Catarina Martins Carvalho
João Leonardo Teixeira Esteves
Juliana Isabel Rodrigues Correia
Juliana Rosa da Silva Barbosa Cardoso Goncalves
Mafalda Teixeira Ferreira
Margarida Campos Machado
Maria de Fátima de Sousa Peixoto
Maria dos Anjos Tavares Semedo

Marlene Filipa Gonçalves da Rocha
Marta Isabel Matias Ferreira da Silva
Mário Bruno Vilaça de Matos
Rafaela Alexandra Silva Figueiredo
Raquel Sofia Rafael Joice Coutinho
Sara Liliana da Cunha Marinho
Sara Manuela Vieira Pereira
Sara Patrícia Andrade Gomes
Sara Raquel Vieira da Silva
Sérgio Bernardo Almeida da Costa
Teresa Cunha Marinho da Cruz
Tânia Maria da Costa Rodrigues
Tânia Raquel Oliveira Pereira

Formar leitores literários

Fernando Azevedo

Formar leitores literários constitui hoje um desafio e uma necessidade. Um desafio porque, sendo uma atividade voluntária, que se alcança pela recriação de espaços e momentos de prazer e fruição, não existe propriamente uma estratégia que possa ser considerada como única e eficaz para a obter. Uma necessidade porque o domínio da leitura literária permite desenvolver cognitivamente o sujeito e, articulando-se com a capacidade de ler o mundo de modo não ingénuo, possui virtualidades fundamentais na capacidade de exercício da cidadania.

Formar leitores não é apenas tarefa da escola, mas de todos e exige um compromisso coletivo.

Este volume, baseado em trabalhos de mediação leitora desenvolvidos no contexto da unidade curricular de *Literacia e Mediação Leitora*, da Licenciatura em Educação Básica, da Universidade do Minho, reúne ideias e estratégias para formar leitores literários. A metodologia na qual se fundamentam estas ideias e estratégias é expressa em obras portuguesas e estrangeiras, sendo as mais relevantes as de Cerrillo (2007), Cullinan (2003), Sorensen & Lehman (1995) e Yopp & Yopp (2001), bem como as de Azevedo e Balça (2016), Azevedo e Sardinha (2013), Azevedo (2007) e Barros (2014).

No primeiro capítulo, intitulado *Que livro queres ler quando fores grande?*, Ana Faria, Clara Marques, Sérgio Costa e Tânia Rodrigues desenvolvem uma atividade de promoção da

leitura num ATL, estimulando o contacto de jovens com textos, no sentido de lhes despertar a curiosidade.

No segundo capítulo, intitulado *Frases Andantes*, Gabriela da Silva Gonçalves, Juliana Correia, Marlene Rocha, Sara Pereira e Tânia Pereira promovem a colocação, nas escadas que dão acesso ao 1º andar do Instituto de Educação da Universidade do Minho (Campus de Gualtar, Braga), de frases motivadoras e inspiradoras que, de algum modo, possam contribuir para a promoção da leitura.

No terceiro capítulo, intitulado *Hora do Conto!*, Adriana Figueiras, Ana Moreira, Filipa Carvalho e Margarida Machado concebem um espaço digital para a promoção do livro e da leitura, realçando a mais-valia da articulação da tecnologia com os textos.

No quarto capítulo, Ana Filipa Lopes, Andreia Soares, Celeste Azevedo, Joana Carvalho e Helena Silva promovem a troca de livros, de forma gratuita, graças ao recurso a uma *webpage* (*Trocas de Leitura*) alojada na rede social do Facebook.

No quinto capítulo, intitulado *A casa de leitura do Pai Natal*, Izabella Silveira, Mário Bruno Matos e Raquel Coutinho desenvolvem uma atividade de promoção do livro e da leitura no contexto das festas do Natal.

No sexto capítulo, intitulado *Natal a ler*, Filipa Pereira, Gabriela Cunha, Mafalda Ferreira e Sara Silva promovem os livros e a leitura através da divulgação de frases célebres inscritas na decoração de uma árvore de Natal.

No sétimo capítulo, Ana Freitas Oliveira, Filipa Machado, Sara Marinho e Teresa Cruz promovem a leitura, através de uma atividade aliciante e envolvente: o chá com letras.

No oitavo capítulo, intitulado *Logoterapia cultural*, Maria dos Anjos Semedo, Maria de Fátima Peixoto e Marta Silva

desenvolvem um clube de leitura com funcionárias do Externato Paulo VI, em Braga.

No nono capítulo, Adriana Correia Martins, Ana Ferreira, Ana Rita Almeida, Inês Alves e João Leonardo Esteves relatam-nos uma atividade de promoção da leitura, realizada na época natalícia, que consistiu na leitura e reconto de textos junto dos mais novos.

No décimo capítulo, Ana Isabel Fernandes, Ana Rita Costa, Beatriz de Almeida, Cláudia Rocha e Helena Castro desenvolvem um projeto de mediação leitora alicerçado na construção de uma narrativa a ser convertida num audiobook, recorrendo às redes sociais Instagram e Facebook para a sua divulgação.

No último capítulo, Ana Isabel Sousa, Ana Raquel Pinho, Rafaela Figueiredo e Sara Gomes desenvolvem uma atividade de promoção da leitura, que consiste em contar uma história e estabelecer com as crianças ouvintes um diálogo sobre a mesma. A atividade é complementada pela elaboração de marcadores de livros alusivos à leitura, distribuídos às crianças e aos mediadores adultos.

No seu conjunto, os vários capítulos percorrem ideias e estratégias que, baseando-se muito naquilo que é a *animação para a leitura*, podem constituir preciosas ajudas para formar leitores voluntários, isto é, leitores que lêem, em quantidade e em qualidade, com prazer. Leitores que lêem numa pluralidade de espaços e de contextos, muitas vezes bem afastados da escola e dos processos formais de educação.

CIEC, Instituto de Educação, Universidade do Minho, 2018

CAPÍTULO 1 - Que livro queres ler quando fores grande? ¹

*Ana Faria
Clara Marques
Sérgio Costa
Tânia Rodrigues*

Introdução

Promover a leitura no público infantil, bem como no público juvenil é, hoje, um desafio cada vez mais importante. É necessário criar e consolidar hábitos de leitura nas crianças e jovens, de forma a aumentar os seus níveis de literacia e, assim, possibilitar o crescimento e o desenvolvimento de cidadãos mais conscientes, informados e participativos.

Este fortalecimento de hábitos da leitura nas crianças estimula, ainda, a sua capacidade de imaginação, favorece e educa a sua sensibilidade, cultiva a sua inteligência e fornece instrumentos essenciais para a toda a vida. Está comprovado que crianças que crescem num ambiente com acesso aos livros têm mais possibilidades de se tornarem leitores para toda a vida. No entanto, não basta apenas ter contacto com os livros, mas também ter um ligeiro apoio de mediadores, como pais, educadores, professores, bibliotecários, entre muitos outros.

¹ Faria, A.; Marques, C.; Costa, S. & Rodrigues, T. (2018). Que livro queres ler quando fores grande? In F. Azevedo (Coord.), *Formar leitores literários. Ideias e Estratégias* (pp. 9-15). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança / Instituto de Educação.

Para além dos livros, e não nos demarcando da sua importância, tentamos sempre alargar os hábitos de leitura e outras dimensões, como jornais, revistas, rótulos, anúncios, avisos, manuais de instruções, receitas, entre outros. Acreditamos que para todo e qualquer conteúdo que seja passível de ser lido, é necessário possuir conhecimento e ter literacia suficiente para saber transformar aquilo que se lê em informação útil. Sabemos que a nossa leitura é adaptada em função daquilo que estamos a ler, nesse sentido, a leitura que fazemos, ao ler uma receita, é diferente da leitura que fazemos ao ler um artigo de jornal. Ambas as leituras solicitam capacidades diferentes do leitor, e, de maneiras diferentes, ambas conseguem promover a leitura.

Porquê promover a leitura?

Ao longo da unidade curricular de *Literacia e Mediação Leitora*, foi nos fornecido um conjunto de materiais, desde documentos sobre literatura infantil e juvenil, educação literária, conceito de mediação leitora, ao mesmo tempo que, nos momentos de sala de aula, abordamos os mesmos temas e até elaboramos e experienciamos clubes de leitura, ou seja, todo um combinado de tópicos que estão relacionadas com a promoção de leitura.

A promoção de leitura tem como objetivo criar e consolidar hábitos de leitura e elevar índices de literacia. E assenta em três pilares que se inter-relacionam entre si: hábitos de leitura, competência leitora e leitura literária.

A leitura é o ato de ler e o primeiro valor da leitura, a nosso ver, é o prazer que proporciona a quem a realiza. Só este aspeto chegaria para justificar a promoção de hábitos de leitura.

Aqui o livro apresenta-se como uma ferramenta indispensável para a formação de um leitor. A seleção das obras

literárias é uma questão pertinente, pois o diálogo do leitor com a obra só é possível quando se verificam algumas condições como: a adequação das histórias às expectativas e aos interesses das crianças, a adequação do texto ao desenvolvimento cognitivo da criança e a qualidade literária das obras.

Outro aspeto fundamental é a leitura de histórias devido a auxiliar o desenvolvimento da compreensão leitora. Esta compreensão exige uma interação rica e pensada, entre o leitor e o texto, e é aqui que entram os mediadores, que neste caso, são quem conta a história e tanto podem ser os professores, os educadores, como os pais.

Os mediadores contribuem para o desenvolvimento de atividades cognitivas. Quando estes pedem às crianças para elas identificarem as personagens, para anteciparem um fim de uma história ou colocarem em diálogo personagens de histórias diferentes, envolvem-nas emotivamente no imaginário das histórias, permitindo potenciar o desenvolvimento da compreensão.

A leitura literária existe quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. Esta tem a potencialidade de oferecer ao leitor um conhecimento intenso do mundo.

Neste contexto de promoção de leitura, existem três projetos que merecem ser destacados: o Plano Nacional de Promoção da Leitura (PNPL), da responsabilidade do organismo do Ministério da Cultura que tutela o sector do livro e das bibliotecas; o Plano Nacional de Leitura (PNL) e a Casa da Leitura, que é um projeto da Fundação Calouste Gulbenkian.

Estes três projetos visam elevar os níveis de competência e de práticas de leitura entre as crianças e os jovens, ainda em

percurso escolar e procuram também envolver diversos grupos de mediadores do livro e da leitura.

Podemos, então, afirmar que os projetos de promoção da leitura são essenciais, uma vez que criam hábitos de leitura e desenvolvem competências de compreensão leitora.

A criação de hábitos de leitura é o elemento chave para o processo de aprendizagem leitora e, conseqüentemente, para a formação de um leitor, pois é um instrumento que facilita a aprendizagem do código, das habilidades linguísticas básicas e do desenvolvimento de competências mais complexas, que ajudam à compreensão e à análise da escrita.

Contudo, torna-se importante que, desde cedo, as crianças tenham contacto com a leitura, para que, ao longo do seu crescimento, tanto a sua motivação como as suas práticas de leitura sejam positivas e valorizadas.

Ler torna-se num meio de acesso ao saber, à autonomia e à valorização pessoal e social.

Objetivos da atividade

O principal objetivo desta atividade é o de estimular o valor da leitura como algo que proporciona prazer a quem lê.

Outro aspeto importante é ser uma espécie de alavanca para motivar à leitura, ou seja, que impulse para uma leitura voluntária, continuada e escolarizada. Logo, deve haver uma certa adequação das obras escolhidas em relação aos interesses e motivações da criança.

Outro objetivo é ser uma atividade lúdica, que estimule e reforce os hábitos de leitura e proporcione às crianças um momento de contacto autêntico com vários livros, para que possam livremente folheá-los, ver as ilustrações, darem conta da textura da capa, etc.

O processo de aprendizagem da leitura e a formação de um leitor é uma tarefa bastante complexa e exige uma conceção de hábitos de leitura como uma condição essencial.

Em que consistiu a atividade?

A atividade de promoção da leitura desenvolveu-se num ATL, na zona de Felgueiras, durante uma hora, com um público-alvo composto por crianças de idades compreendidas entre os 7 e os 14 anos.

A atividade, num primeiro momento, começou por um jogo de apresentação, onde as crianças tinham de responder oralmente a algumas perguntas colocadas, tais como: nome, idade, ano de escolaridade, o que mais gosta de fazer, o que menos gosta de fazer e o que quer ser profissionalmente. Inicialmente nós começamos por responder a estas perguntas de forma a facilitar o jogo. De seguida, cada criança fez a sua apresentação, de acordo com as perguntas efetuadas.

Posto isto, avançamos para outro tipo de atividade mais interativa, ou seja, uma conversa relacionada com o tema da leitura. Foram colocadas algumas perguntas acerca do que costumam a ler, do que gostam de ler, se os pais costumam a comprar livros, jornais entre outros materiais e se gostam ou não de ler.

Num terceiro momento, o nosso grupo apresentou um resumo do livro *O Segredo do Rio*, de Miguel Sousa Tavares. Optamos por fazer um resumo, porque a leitura do livro na íntegra iria quebrar o ritmo e as crianças acabariam por achar aborrecido e cansativo. Além disso, durante o relato da história, fizemos passar o livro pelas crianças para elas poderem ter contacto com o livro e verem as imagens presentes neste.

Por fim, partilhamos alguns livros nossos com as crianças, de forma a que elas pudessem ter contacto com livros que talvez nunca tenham visto e observarem a forma como eles estavam organizados. Com isto pretendíamos, de alguma maneira, estar a despertar uma certa curiosidade na leitura de alguns destes livros. No final, perguntamos qual o livro que mais gostaram, e o porquê da escolha, e o que para eles é necessário que um livro tenha para os levar à leitura.

Os livros que escolhemos eram todos bastante diferentes entre si, uma vez que o objetivo do grupo era mostrar a diversidade na dimensão literária, e que existem livros capazes de satisfazer as exigências de todos eles.

Balanço da atividade

O balanço geral da atividade é o de termos conseguido proporcionar momentos de fruição com a leitura, como era nosso objetivo.

Durante a preparação da atividade, escolhemos um registo mais infantil face ao grupo com que efetivamente desenvolvemos esta atividade. Foi nesse sentido que escolhemos *O Segredo do Rio* e nele nos debruçamos para contar a história e conversar com o grupo sobre os valores presentes nessa história escrita por Miguel Sousa Tavares.

Na generalidade, o grupo demonstrou ter apreciado a história, apesar da participação voluntária ser baixa. O livro está indicado no Plano Nacional de Leitura e é frequentemente abordado no 1º ciclo do Ensino Básico. Face à amplitude de idades do grupo, seria de esperar que nem todos demonstrassem o mesmo interesse pela história, uma vez que a mesma já não era a mais adequada para a sua idade.

A nossa abordagem foi feita no sentido de fazer com que eles próprios pensassem sobre aquilo que liam, onde liam e a importância da leitura de forma geral. O primeiro aspeto positivo a destacar foi a consciencialização que eles foram fazendo ao longo da nossa conversa sobre a leitura. Foi muito interessante perceber como eles conseguiram compreender que também são leitores, e que leem ativamente, apesar de muitos deles terem dito, anteriormente, que não gostavam de ler.

Para além disso, foi interessante dar conta das suas conceções sobre os livros e sobre aquilo que os livros têm de ter para assim serem chamados. Perto do final da atividade, todos eles puderam ver os livros que tínhamos levado para a atividade. Este foi o momento que despertou maior atenção entre eles. Alguns livros eram de banda desenhada ou com muitas ilustrações, o que despertou muita curiosidade.

O nosso grupo ficou satisfeito com a afeição criada por algumas crianças para com os livros. No momento de partilha de livros entre eles, houve crianças que não largaram o mesmo livro do início ao fim e que, ignorando o nosso pedido de os irem passando entre eles, foram folheando e lendo aquilo que encontravam nas suas páginas.

Considerações finais

A realização desta intervenção foi extremamente enriquecedora, tanto para as crianças, com quem trabalhamos, quanto para nós.

Formar leitores passa por conversar acerca de livros, partilhar, tocar, emocionar-se com os textos, etc. E todas as atividades, desde que pensadas e planificadas previamente, podem ser interessantes portas capazes de estimular a criação de hábitos de leitura frutivos.

CAPÍTULO 2 - Frases Andantes ²

Gabriela da Silva Gonçalves

Juliana Correia

Marlene Rocha

Sara Pereira

Tânia Pereira

Introdução

É do conhecimento geral que a leitura tem um impacto muito grande na vida quotidiana das pessoas, nos mais diversos contextos. Mas o gosto e o prazer de ler nem sempre é partilhado pelas pessoas da mesma forma. Assim sendo, é nossa intenção, através desta proposta, apelar às pessoas para o exercício da leitura, ainda que de uma forma não tão usual.

A estratégia em ação

Frases Andantes corresponde ao essencial da estratégia de motivação para a leitura e consistiu na colocação, nas escadas que dão acesso ao 1º andar do Instituto de Educação da Universidade do Minho (Campus de Gualtar, Braga), de frases motivadoras e inspiradoras que, de algum modo, pudessem contribuir para a promoção da leitura. Deste modo, o primeiro

² Gonçalves, G. da S.; Correia, J.; Rocha, M.; Pereira, S. & Pereira, T. (2018). Frases andantes. In F. Azevedo (Coord.), *Formar leitores literários. Ideias e Estratégias* (pp. 17-19). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança / Instituto de Educação.

passo foi selecionar frases alusivas ao ato de ler. De seguida, procedeu-se à impressão das mesmas e ao seu recorte em variados formatos, de modo a oferecer um maior dinamismo à própria atividade. Posteriormente, as mesmas foram coladas nas escadas, com o auxílio de papel plastificador.

Destinatários da estratégia e objetivos

A estratégia teve como público-alvo professores, alunos, auxiliares e demais entidades que, porventura, se dirigiam ao Instituto de Educação, e que, acima de tudo, são leitores.

O foco da estratégia foi, assim, não apenas o de relembrar a importância e a necessidade do ato da leitura, na formação integral do sujeito, como também motivar e despertar a sua curiosidade, apelando, concomitantemente, a hábitos de vida saudáveis. Trabalhar o corpo e o espírito passa também por exercícios que sejam prazerosos e que estimulem a curiosidade intelectual.

Balço da estratégia

Para além das vantagens positivas do trabalho cooperativo, realizado em grupo, é de assinalar o feedback bastante positivo expresso pelos utilizadores do espaço e o custo reduzido da estratégia, que permitiu conciliar leitura e hábitos saudáveis de vida, como assinalámos antes.

Quanto aos aspetos a melhorar, apontamos que, na execução da estratégia, o público-alvo foi essencialmente aquele que possuía capacidade de mobilidade, sendo que as pessoas que não apresentavam essa característica não puderam usufruir da estratégia. Além disso, ao ficar restrita às instalações do Instituto

de Educação da Universidade do Minho, ela teve um impacto reduzido.

Considerações Finais

De um modo geral, consideramos que esta estratégia foi positiva e prazerosa, uma vez que permitiu articular a componente teórica à prática, desenvolvendo a articulação com outras áreas do saber. A concretização desta estratégia enriqueceu igualmente a competência intrapessoal e interpessoal das autoras.

CAPÍTULO 3 - Hora do Conto!³

Adriana Figueiras
Ana Moreira
Filipa Carvalho
Margarida Machado

Introdução

É do conhecimento geral que, hoje em dia, as crianças utilizam bastante e, cada vez mais cedo, as tecnologias. Por tecnologias podemos referir-nos a telemóveis, tablets, computadores, entre outros. Utilizando esta ferramenta, o computador, decidimos criar uma plataforma online que pudesse motivar as crianças para a leitura.

Esta plataforma foi criada a partir de um sistema *online* de criação e edição de websites, denominado “webnode”. A este nosso site demos o nome de “Hora do Conto!” (<http://hora-do-conto.webnode.pt/>).

O objetivo deste site é fazer com que as crianças se motivem para a leitura, possibilitar que elas ganhem gosto pelas histórias e se interessem pelas mesmas.

³ Figueiras, A.; Moreira, A.; Carvalho, F. & Machado, M. (2018). Hora do Conto! In F. Azevedo (Coord.), *Formar leitores literários. Ideias e Estratégias* (pp. 21-23). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança / Instituto de Educação.

A plataforma e a sua mais-valia

O site é composto por quatro separadores: a página inicial, as histórias, os jogos e os desenhos.

A página inicial é composta apenas pelo logótipo e por um pequeno slogan “Ler é fixe”. Este slogan incorpora a palavra “fixe” por ser recorrente no vocabulário dos mais novos e por chamar a atenção.

No separador “Histórias”, encontramos quatro histórias infantis bem conhecidas (*Capuchinho Vermelho*, *A Bela e o Monstro*, *O Patinho Feio* e *Os Três Porquinhos*) acompanhadas por um vídeo, da plataforma YouTube, que é um pequeno filme demonstrativo da história. Este vídeo, que associamos a cada história, pareceu-nos poder constituir uma boa forma de motivar as crianças para entrarem no mundo das histórias, pois, para além de lerem a história, podem visualizar um pequeno filme que representa aquilo que leram. Além disso, é sempre possível, através de um diálogo estabelecido entre o mediador adulto e a criança, comparar a história com o que foi visualizado e desenvolver um diálogo acerca dessas semelhanças ou diferenças.

No final do vídeo e da história, existem dois botões. Um dos botões conduz o utilizador diretamente para o jogo e o outro leva-o para o separador onde estão os desenhos das histórias.

Para o separador “Jogos”, a nossa opção foi criar um jogo relacionado com as histórias existentes no site, tendo, para o efeito, recorrido a uma linguagem de programação produzida pela empresa Microsoft, que se chama *Visual Basic*. O jogo consiste numa espécie de puzzle virtual, onde a imagem que as crianças têm de “montar” está relacionada com a história lida. Este jogo tem vários níveis de dificuldade, sendo que o prémio é alcançado quanto mais rápido se montar o puzzle.

No separador “Desenhos”, introduzimos desenhos relacionados com as histórias para que as crianças, com a ajuda de um adulto no caso de serem mais novas, possam imprimir e colorir da forma que mais gostarem.

Considerações finais

Esta é uma estratégia que nos parece relevante e de concretização fácil e económica, suscetível de motivar jovens leitores a ler, a pesquisar informação e a fruir com a articulação entre leitura e tecnologia.

CAPÍTULO 4 - Trocas de Leitura ⁴

*Ana Filipa Lopes
Andreia Soares
Celeste Azevedo
Joana Carvalho
Helena Silva*

Introdução

Nos dias de hoje, cada vez mais as pessoas trocam as páginas dos livros pelas plataformas *online*. Deste modo, as autoras desta estratégia pretendem reavivar este conceito de leitura, promovendo-a através de uma plataforma bastante influente, o Facebook.

O principal objetivo desta atividade é, sem dúvida, a promoção da leitura. Ler abre horizontes, ajuda-nos a perceber o que nos rodeia, torna-nos mais cultos e proporciona-nos prazer.

A *webpage* Trocas de Leitura

Na página de Facebook *Trocas de Leitura* promovemos a troca de livros entre as pessoas, de forma gratuita.

Cada utilizador da página pode fazer uma publicação com um livro que queira trocar, à qual outro utilizar pode responder,

⁴ Lopes, A. F.; Soares, A.; Azevedo, C.; Carvalho, J. & Silva, H. (2018). Trocas de Leitura. In F. Azevedo (Coord.), *Formar leitores literários. Ideias e Estratégias* (pp. 25-26). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança / Instituto de Educação.

se estiver interessado, promovendo outro livro para permuta. Desta forma, combinam a hora e um local a gosto dos dois, onde efetuam a troca, em tempo real.

Por vezes temos livros em casa que já lemos e relemos, e que estão parados. A nossa atividade promove, assim, uma nova vida a esses livros, para que sejam utilizados por quem ainda não teve oportunidade de os ler.

Balanço da atividade

O aspeto positivo que realçamos com mais ênfase é o incentivo à leitura. Através da leitura descobrimos e aprendemos culturas, histórias e hábitos diferentes, compreendemos a realidade. A nossa atividade promove a leitura, estando esta sujeita à vontade do utilizador, isto é, não se torna uma obrigação, mas sim um anseio por parte da pessoa em ler um novo livro.

Podemos ainda destacar o facto de conseguirmos chegar a um maior número de pessoas, dado que hoje em dia quase todos aderimos às plataformas sociais online, nomeadamente ao Facebook. Assim, conseguimos ter mais participantes, o que se traduz num maior número de livros para serem trocados.

Não esquecendo os mais novos, estes também podem fazer parte da nossa realidade virtual, através dos pais. A página também serve para trocar livros infantis. Deste modo, promovemos a interajuda entre as famílias e o prazer pela leitura.

O aspeto que pensamos não ser do agrado de todos, é o facto de as trocas terem que ser combinadas entre pessoas que não se conhecem. Deste modo, aconselhamos a que as trocas dos livros se realizem em locais públicos, como bibliotecas e, quando envolvem crianças, que estas estejam sempre acompanhadas por um adulto.

CAPÍTULO 5 - A casa de leitura do Pai Natal ⁵

Izabella Silveira
Mário Bruno Matos
Raquel Coutinho

Introdução

Sensibilizar a comunidade para a leitura não é tarefa fácil. Contudo, é de grande importância. É necessário fazer com que pais, filhos, avós e tios percebam que, apesar da correria do quotidiano, é preciso promover a leitura e não perder esse hábito. O papel tanto dos pais como de toda a família como cúmplices na leitura é fulcral.

Não há melhor maneira de chegar aos pais e a toda a família do que através das crianças. Crianças educadas para a leitura um dia serão pais e, através do seu gosto por ler, irão partilhar esse hábito com os seus filhos. O exemplo que a criança tem em casa é e sempre será o mais valioso: quanto mais vezes virem os pais a ler, mais fácil será valorizarem o ato da leitura. É de salientar a importância e o interesse em ler naturalmente tudo o que faz parte da vida, levando a criança a entender que há uma necessidade de ler: ler embalagens de produtos, cartazes de lojas, publicidade, entre outros. Com o passar do tempo, a criança vai encontrar leituras que vão de encontro aos seus interesses, mesmo

⁵ Silveira, I.; Matos, M. B. & Coutinho, R. (2018). A casa de leitura do Pai Natal. In F. Azevedo (Coord.), *Formar leitores literários. Ideias e Estratégias* (pp. 27-30). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança / Instituto de Educação.

que, para nós, sejam leituras pouco interessantes. Isto porque este leitor principiante passará a desejar mais e novos rumos para o seu processo de leitura, que o farão crescer intelectual e cognitivamente. Assim que o gosto pela leitura estiver realmente vinculado, este leitor será capaz de estimular outros indivíduos para o mesmo hábito, formando assim um ciclo. Deste modo, podemos afirmar que a aquisição e o contacto com os livros devem tornar-se numa atividade rotineira na vida de toda a comunidade.

A atividade

De forma a conseguirmos alcançar toda a comunidade, o nosso grupo optou por fazer algo relacionado com a época festiva do Natal e que fosse tanto do interesse dos adultos como dos mais novos. Foi aí que surgiu a ideia de fazermos *A Casa de Leitura do Pai Natal*. Colocamos o maior ícone do Natal para as crianças, o Pai Natal, de modo a conseguirmos cativar a atenção tanto das crianças, como a dos pais. Este Pai Natal tinha uma missão diferente do habitual: incentivar tanto os mais novos como os mais velhos para a leitura. O local escolhido foi a Avenida Central, em Braga, no dia 23 de dezembro de 2017, e estivemos nesse local entre as 14.30h e as 18h.

O material utilizado para o cenário foi composto de cartolinas, canetas, tesoura, fita-cola, decorações de natal, quadros de cortiça, cadeiras, mantas, tapetes e, o mais importante, livros.



A atividade consistiu num momento de leitura de uma pequena lenda de natal enquanto os pais, avós, irmãos e tios levavam as crianças para tirar uma fotografia com o Pai Natal. Antes de as crianças tirarem a fotografia era-lhes oferecido um doce e o elemento do grupo que estava disfarçado de Pai Natal perguntava às crianças se elas queriam jogar um jogo. Este jogo consistia em as crianças tirarem um número, sem olhar, de um saquinho. Nesse saquinho, havia números de 1 a 5 e cada número correspondia a uma lenda: 1- Lenda do Pinheiro de Natal; 2- Lenda da Vela de Natal; 3- Lenda da Rosa de Natal; 4- História do Sonho do Pai Natal; 5- Lenda da Flor de Natal. Enquanto a criança escolhia o papel, o Pai Natal conversava com as crianças sobre a importância de ler. No momento em que a leitura da lenda estava a acontecer, os outros dois elementos do grupo conversavam com os responsáveis pelas crianças sobre a leitura, a promoção da mesma e o papel fulcral que os que convivem com as crianças têm no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura, explicando, assim, o objetivo da atividade. Depois da leitura terminada, a fotografia era tirada e dava-se por encerrada a atividade com a respetiva criança ou grupo de crianças.

Para que as pessoas pudessem ser atraídas para a atividade, dois dos elementos do grupo iam falar com as pessoas na rua e chamá-las para ver o Pai Natal. Ao todo, passaram por nós cerca de 60 crianças e 130 adultos, isto porque as crianças estavam sempre acompanhadas por, pelo menos, 2 pessoas e, ao contrário do que o grupo estava à espera, muitos adultos foram à Casa de Leitura do Pai Natal interessados na atividade.

Balanço final

A atividade foi francamente positiva. Apesar de muito trabalhosa, a preparação foi feita com sucesso devido à ajuda de todos os elementos do grupo.

Como aspeto a melhorar, consideramos que a atividade poderia ser realizada durante mais dias, em vez de ser apenas num dia.

CAPÍTULO 6 - Natal a ler⁶

Filipa Pereira
Gabriela Cunha
Mafalda Ferreira
Sara Silva

Introdução

O nosso projeto consiste na divulgação de frases célebres acerca da leitura e de livros através de uma árvore de Natal, alusiva à época, colocada no Instituto de Educação da Universidade do Minho.

Achamos que interligar o Natal com a leitura seria interessante, no sentido de as pessoas colocarem a hipótese de oferecer livros como presente nesta época festiva.

A leitura é importante no sentido de potenciar uma alteração da qualidade de vida do sujeito falante. Ler é sentir-se vivo, ativo, criador e reflexivo.

Por outro lado, Cerrillo defende que “Ler é uma atividade complexa que requer esforço, perseverança e força de vontade, atinge-se pela emoção, por contágio e pela prática”.

⁶ Pereira, F.; Cunha, G.; Ferreira, M. & Silva, S. (2018). Natal a ler. In F. Azevedo (Coord.), *Formar leitores literários. Ideias e Estratégias* (pp. 31-32). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança / Instituto de Educação.

A atividade

Inicialmente, o nosso grupo elaborou um método para a elaboração das bolas, tendo ficado decidido que estas seriam feitas com balões cobertos por jornais, e, posteriormente, pintados com spray de cores alusivas à época (vermelho e dourado).

Posteriormente escrevemos frases de livros e/ou relacionadas com a leitura.

Em seguida, colocamos a árvore de Natal no Instituto de Educação, onde as pessoas a poderiam observar e até mesmo participar na atividade.

Balanço

Consideramos que os maiores destinatários e alvos desta atividade foram essencialmente as pessoas que frequentam diariamente o Instituto de Educação, como alunos, professores e funcionários.

Reconhecemos que existe uma certa dificuldade em chegar às pessoas, porque, embora seja um projeto criativo e interessante, muitas acabam por não ligar muito, o que torna mais complicado atingir o objetivo da nossa atividade, sendo este a promoção da leitura.

CAPÍTULO 7 - Chá com Letras ⁷

Ana Freitas Oliveira

Filipa Machado

Sara Marinho

Teresa Cruz

Introdução

“Chá com letras” promete ajudar todo o público-alvo no que concerne à escolha de livros, que posteriormente poderão explorar. A promoção da leitura é uma prática que, na nossa perspetiva, deve ser cada vez mais inserida e promovida, já que esta, em comunhão com a escrita, é tida em conta como um compromisso de todas as áreas.

As pessoas gostam de atividades que lhes tragam benefícios palpáveis e, se possível, imediatos e, à vista disso, juntamos o útil ao agradável, e ao prazer da leitura conciliamos o sabor inefável do chá, fazendo com que esta atividade se tornasse ainda mais aliciante e envolvente.

É ainda na esperança de uma sociedade que leve à ação, transformação e evolução que realizámos esta valiosa atividade, com as maiores expectativas para um futuro bem presente.

⁷ Oliveira, A. F.; Machado, F.; Marinho, S. & Cruz, T. (2018). Chá com Letras. In F. Azevedo (Coord.), *Formar leitores literários. Ideias e Estratégias* (pp. 33-36). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança / Instituto de Educação.

Contexto em que decorre e destinatários

A atividade realizada decorreu no centro da cidade de Braga, na Avenida Central, na medida em que este é um local de muita passagem e aglomeração de pessoas.

Como destinatários procuramos ser inclusivas no que diz respeito à promoção da leitura, realçando o facto de a leitura não se destinar uma única e determinada faixa etária. Deste modo, os nossos destinatários vão desde crianças a pessoas da terceira idade.

Objetivos a desenvolver

Com a realização deste projeto foi nosso propósito promover, de uma forma dinâmica, interativa e arrojada, não só a leitura, mas muito mais do que isso: o gosto pela mesma. Promover a leitura é também promover a liberdade e, ao mesmo tempo, uma forma de a defender. A leitura liberta e permite-nos exprimir espontaneamente aquilo que cada um escreve qualquer que seja a língua em que escreve. É sobretudo, uma das grandes formas de aceder à cidadania e à vista disso o nosso objetivo passou também por tentar transmitir, a cada um, o sentido desta enorme e valiosa prática.

Através da diversidade imposta na nossa atividade, foi também finalidade da mesma darmos a conhecer variadas obras e autores do universo da literatura mundial (sempre escrita em língua portuguesa) de modo a aprofundar e a enriquecer o conhecimento da língua, bem como o de outras culturas.

Fazer com que as pessoas unissem a leitura a um momento de prazer, relaxe, enriquecimento, evolução, envolvimento, paz e conforto era determinante, e, em função disso, trouxemos com ela

(a leitura) um elemento que, em conjunto, combinou na perfeição: o chá.

Descrição breve da atividade



“Chá com letras” é uma atividade que se realiza através da interação com o outro. É, por isso, função dos elementos de todo o grupo “procurar” o público-alvo e incentivá-los a visitar a nossa “barraquinha”. Os objetivos passam então por:

- Primeiro questionar a pessoa sobre o gosto que tem (ou não) pela leitura;
- Oferecer uma caixinha (destinada a determinada faixa etária), que no seu interior contém uma sinopse de um livro (com o nome do autor), cujo tema poderia estimular a leitura do mesmo e um mimo (doce para as crianças e uma bolsinha de chá para os jovens e adultos);
- Perguntar qual o livro que mais o/a marcou e porquê, e posteriormente pedir para que deixassem o seu testemunho no placard de nome “o livro da minha vida”;

Por último, oferecer um chá quentinho e convidar cada um a sentar-se, escolher um dos livros expostos e ler um pouco.

Considerações finais

Esta foi uma experiência em que pudemos evoluir enquanto pessoas e futuros profissionais, na medida em que aprendemos mais acerca desta tão importante, significativa e indispensável prática logo desde os primeiros anos de vida.

Pudemos contactar com o público, receber feedback acerca da nossa iniciativa, ver o sorriso na cara de cada um e, mais importante que tudo isso, avançar para uma nova e melhor perspectiva acerca dos bons hábitos de leitura e, por conseguinte, dos seus benefícios.

Todas enriquecemos com esta ação e iremos lembrá-la como única, desafiante e singular. Prometemos continuar a proporcionar momentos como estes a todos os que passem nas nossas vidas e, claro, sempre que seja possível. A relevância e dimensão da leitura e dos seus hábitos não mais serão esquecidos.

CAPÍTULO 8 - Logoterapia Cultural⁸

Maria dos Anjos Semedo

Maria de Fátima Peixoto

Marta Silva

Introdução

Este capítulo aborda a formação de leitores através da estratégia do chamado *clube de leitura*, realizado fora do contexto escolar.

Porquê este grupo?

O clube de leitores foi constituído através do diálogo, buscando um cada vez maior número de participantes (sempre voluntários). Uns com práticas de leituras e outros não, formamos um círculo de leitores, no Externato Paulo VI, em Braga.

O nome deste grupo surgiu no decorrer do segundo encontro, através do comentário de um dos elementos, que, com muito entusiasmo afirmou:” este encontro é antes de mais uma terapia”. Ao refletirmos sobre a palavra terapia (psicoterapia), veio à nossa memória, a mensagem do livro de Viktor Frankl (2012), *O Homem em Busca de um Sentido*, que nos interpelava fortemente.

⁸ Semedo, M. A.; Peixoto, M. F. & Silva, M. (2018). Logoterapia Cultural. In F. Azevedo (Coord.), *Formar leitores literários. Ideias e Estratégias* (pp. 37-42). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança / Instituto de Educação.

Certo dia um médico interrogou a Viktor Frank desta forma: “o doutor é um psicanalista?” (...) *não sou exatamente psicanalista, mas sim logoterapeuta*”. Porque, “*A logoterapia é de facto a psicoterapia centrada no sentido (...) centra-se no significado de existência humana bem como na busca desse sentido por parte dos seres humanos. De acordo com a logoterapia, este esforço para encontrar um significado na nossa vida é principal força motivadora do Homem*”⁹. Assim se explica, o porquê deste nome “Logoterapia cultural”, atribuído ao grupo. Para percebermos o mundo em que vivemos, precisamos de entrar no mundo da leitura, confrontar a nossa vida com a realidade, de forma consciente e personalizada.

Razões que fundamentam atividade “clube de leitura”

Porque lemos? Lemos porque somos seres com capacidades de interpretar a realidade para além do momento presente, e porque somos seres que busca um sentido para a vida.

Por que lemos? Para interagimos não propriamente com o texto, mas com os leitores e atores, que são constituídos no próprio ato da escrita.

Para quê lemos? Lemos para construirmos um conhecimento singular do mundo, expandindo os horizontes culturais, cognitivos e linguísticos na criação de raízes para uma adesão frutificante à leitura.

⁹ Viktor Emil Frankl (2012). *O homem em busca de um sentido*. Cordova: Lua de Papel, p.101.

O clube de leitores

No início, o grupo dialogava informalmente, ao longo do diálogo falamos dos hábitos de leitura e percebemos que algumas pessoas os têm e outras não. Convidamos cada um a fazer esta experiência e depois partilharmos o que cada pessoa já tinha lido. Todas aceitaram bem a proposta com prontidão, mas algumas manifestaram a preocupação da escassez do tempo.

O poema do Augusto Cury foi o tema inicial da prática de leitura:

“A maior aventura de um ser humano é viajar,
E a maior viagem que alguém pode empreender
É para dentro de si mesmo.
E o modo mais emocionante de realizá-la é ler um livro,
Pois um livro revela que a vida é o maior de todos os livros,
Mas é pouco útil para quem não souber ler nas entrelinhas
E descobrir o que as palavras não disseram...”

Augusto Cury

No dia 24 de novembro de 2017, foi realizado o primeiro encontro, pelas 9 horas e 10 minutos, na rua de São Gonçalo nº 24, em Braga, com sete elementos. A sala estava preparada com uma música de ambiente, as cadeiras estavam à volta de uma mesa em semicírculo. Em cima da mesa havia outros livros para o próximo encontro, no qual cada membro teria que escolher o livro para partilhar. Para além dos livros, tínhamos preparado a pequena surpresa para motivar cada leitor, um chocolate e um cartaz, para que deixassem uma palavra que resumisse as suas escolhas literárias.

O desafio foi considerado, lançado e correspondido. Os livros partilhados foram: *Uma Aventura na Terra e no Ma* (Ana

Maria Magalhães; Isabel Alçada); *História de um Rato e gato que se Tornaram Amigos* (Luís Sepúlveda); *O Homem em Busca de um Sentido* (Viktor Frankl); *Até que o Rio nos Separe* (Charles Martin).

Nos encontros, sentiu-se que havia motivação e responsabilidade entre os membros. Estes foram pontuais e ativos na sua participação, com ritmo enriquecedor e profundo. A sua motivação foi de tal ordem que pudemos apurar várias empatias: o desafio a melhorar, a motivação de criar amizades, a persistência na vida, a vontade de conhecer e partilhar com os outros. Houve elementos que não partilharam nenhum livro porque não adquiriram a prática de leitura. Ao terminar este encontro, todas levaram um livro e as que disseram que não tinham prática de leitura escolheram o livro mais volumoso que existia em cima da mesa.

No dia 30 de novembro de 2017, deu-se o segundo encontro, que foi iniciado pelas 9 horas e 10 minutos, na mesma localização, com seis elementos. De novo juntas, a sala estava preparada da mesma forma do primeiro encontro, mas com alguns livros novos. Os livros que levamos foram: *O Rato do campo e o Rato da Cidade* (Fábula de la Fontaine); *A rã que queria ser maior do que o boi* (Catarina Cardoso; Luísa Ducla Soares); *O Gato Gatão* (Graça Breia, Raquel Pinheiro); *Stella* (Marie Louise Gay); *História de um caracol que descobriu a importância da lentidão* (Luís Sepúlveda); *O Velho, o Rapaz e o Burro* (Bernardo Carvalho; Luísa Ducla Soares); *Vem e Abraçame* (Michal Snunit). Cada encontro, novas partilhas, cada partilha provoca outra motivação e cada motivação é uma descoberta. Esses foram os sentimentos deste nosso segundo encontro.

Este encontro tinha como finalidade impulsionar e motivar a continuidade da participação de um novo desafio para cada uma. Segundo a partilha feita por todas, notou-se uma satisfação

pessoal e comum, todas conseguiram ler alguma coisa e tiveram interesse em fazê-lo de forma frequente. Neste encontro, uma das palavras que nos levou a perceber como é que está a decorrer o encontro foi a palavra: terapia. A palavra que deu origem ao nosso nome.

No dia 07 de dezembro de 2017 fizemos o nosso terceiro encontro, começou por volta das 9 horas e 10 minutos no mesmo local anterior, contando com seis elementos. Refletimos a importância da cultura como uma conquista, quanto mais se cultiva, mais desafiados estamos. E a cada folha do livro percorrida, um saber adquirido. Os livros foram os seguintes: *Era uma Vez no Natal* (Ana Oom, Madalena Matoso); *O corvo e a Raposa* (André Letria; Luísa Ducla Soares); *O Pássaro da Alma* (Michal Snunit); *De Mão dada com Deus* (Michal Snunit); *A Galinha dos ovos de ouro* (Joana Quental; Luísa Ducla Soares); *A lebre e a Tartaruga* (Madalena Matoso; Luísa Ducla Soares). No decorrer desta leitura adquirimos outro ensinamento que nos faz voar sem parar, nos nossos pensamentos e no desejo de aumentar cada vez mais o gosto pela leitura. Porque estes transmitiram a imaginação, a ambição e a liberdade.

Ler é viajar no mundo da imaginação!



Considerações finais

A atividade resultou num conjunto de encontros ativamente participados, com uma partilha enriquecedora. Por meio da leitura recuperámos as lembranças mais especiais, que fazem parte da nossa cultura. Essa cultura que podemos reconstruir a qualquer momento, e que tem como finalidade a formação de cidadãos críticos e conscientes dos seus atos. Porém uma cultura que, igualmente, se vai diluindo e se perde a cada dia, e por isso, é essencial este saber, uma cultura que necessita de ser recuperada.

CAPÍTULO 9 - O Pai Natal chegou e trouxe histórias¹⁰

*Adriana Correia Martins
Ana Ferreira
Ana Rita Almeida
Inês Alves
João Leonardo Esteves*

Introdução

O título da intervenção “O Pai Natal chegou e trouxe histórias” explica-se a propósito da época festiva em que a proposta deste projeto foi apresentada, juntamente com o conceito da intervenção em si. Embora seja abordado mais adiante, o plano será distribuir livros de histórias infantis por diferentes crianças, pedindo-lhes a priori que nos contem a sua versão das mesmas oralmente. No momento dessa interação, a fim de alargar os horizontes de literacia da criança, os elementos do grupo irão usar um acessório natalício à sua escolha.

Poderemos, assim, exercer o nosso papel como mediadores da literacia, incentivando-as à leitura, e, ao mesmo tempo, ao contacto informal e emergente com a linguagem oral e escrita.

Uma das preocupações do grupo foi a seleção de histórias que não apresentassem um cariz sexista. As histórias são conhecidas do público em geral, mas torna-se fulcral destacar os seus valores, educando para a cidadania.

¹⁰ Martins, A. C.; Ferreira, A.; Almeida, A. R.; Alves, I. & Esteves, J. L. (2018). O Pai Natal chegou e trouxe histórias. In F. Azevedo (Coord.), *Formar Leitores. Ideias e Estratégias* (pp. 43-67). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança / Instituto de Educação.

A Capuchinho Vermelho (Adriana Correia Martins)

A Capuchinho Vermelho foi o conto selecionado por mim, Adriana Correia Martins, como história infantil para o projeto que o meu grupo se propôs a realizar. O motivo para esta escolha foi simples. Inicialmente, procurei pesquisar todos os tipos de histórias enquadrado na literatura infantojuvenil, pelo que me deparei com um repertório delas.

Todas tinham o seu encanto, a sua significância e a sua unicidade, mas a Capuchinho Vermelho acabou por ser a minha decisão final pois recordo-me deste magnífico conteúdo literário como um dos meus primeiros contactos com a literacia. Visto que esta unidade curricular se debruçou essencialmente sobre os mundos da literacia e sobre a mediação, tanto eu como o grupo de trabalho tivemos com intenção fundamental intersetar o que foi aprendido nas aulas com a nossa própria experiência de mediadores de literacia para as crianças.

De origem europeia, a história da Capuchinho Vermelho sofreu várias adaptações graduais desde a sua origem. Acredita-se que o autor a ser creditado pela criação deste conto é o francês Charles Perraut que, através da divulgação da sua história à população da época, conseguiu que a mesma fosse perpassada por gerações futuras até chegar às mãos, ou neste caso, “aos ouvidos” dos célebres irmãos Grimm. A estes foram-lhes contadas duas versões da história: à primeira eles mantiveram-se fiéis e não a alteraram; e na segunda, optaram por alterar o seu final, introduzindo o caçador, que abre a barriga do lobo e dela retira a capuchinho e a sua avó. Por um lado, este é um conto que, apesar de, nas suas várias versões, preservar certas partes que não foram rasuradas por conferirem identidade à história, por outro, não se pode ignorar o facto de que a sua construção é historicamente mutável por vários autores. Pode-se até mesmo

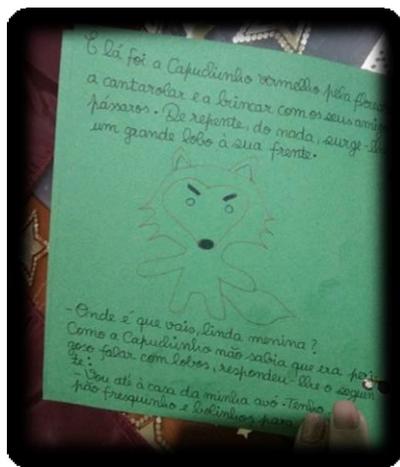
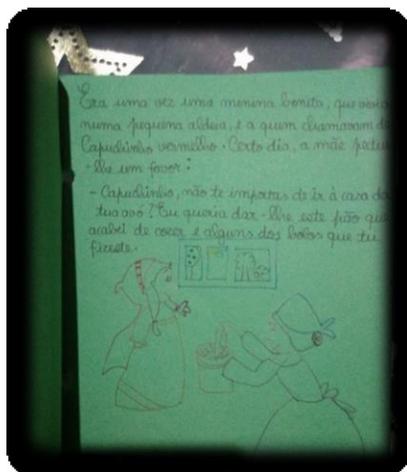
dizer que a Capuchinho Vermelho é uma obra literária que ascendeu ao grau de intemporalidade, pois a sua leitura tem vindo a ser fortemente instigada ao longo dos séculos e a importância que transporta a nível familiar e educativo nunca alguma vez cessou. Por experiência própria, sou uma das pessoas que testemunha a relevância que este conto teve na minha infância. Certamente acordou vários medos em mim, como o de andar sozinha na rua, mas também me preparou para os perigos do mundo real, o que é algo que pode e deve ser ensinado às crianças através de meios lúdicos e mais “descontraídos” como este.

Construção do livro



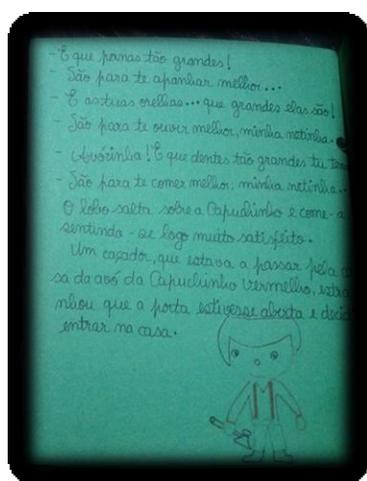
O livro, produzido manualmente, foi realizado com auxílio de materiais como cartolina verde, fio dourado, canetas coloridas e o furador.

Estes tipos de livros são muito fáceis de fazer e habitualmente utilizados em trabalhos manuais no Jardim de Infância. O primeiro passo a seguir consistiu no recorte da cartolina (escolhi como medidas 15x13cm), e no consecutivo

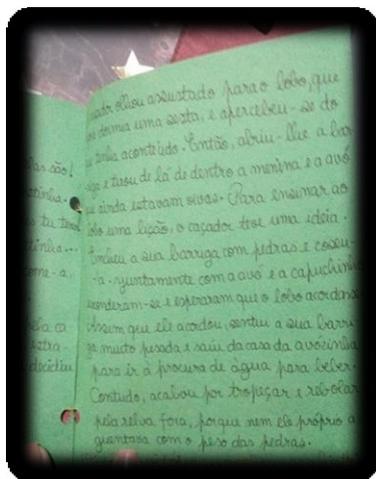
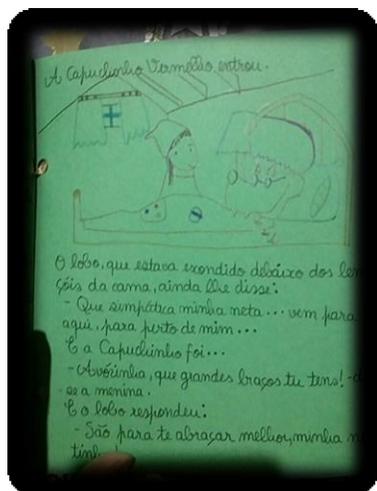
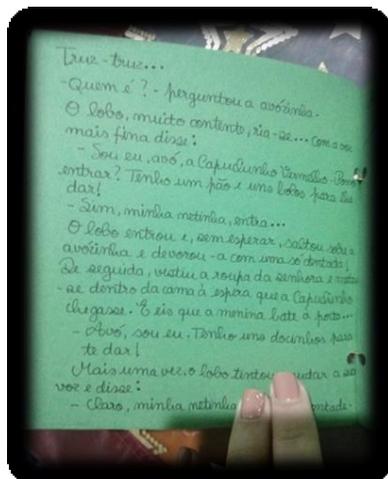
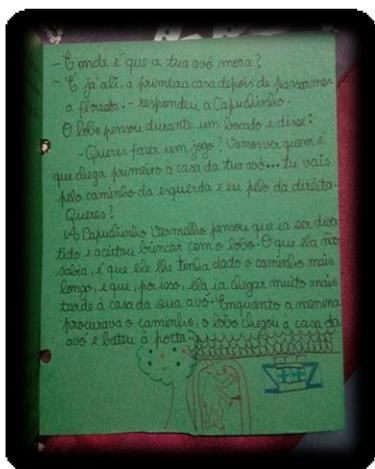


furo da mesma. O fio dourado teve a função de unir as folhas de cartolina recortadas para que o objetivo principal do trabalho fosse cumprido: a construção de um livro.

Com canetas coloridas, preocupei-me na inclusão de desenhos durante a sequência da história, pois a imagem é um dos elementos icónicos de um livro que mais ativa o interesse e a



acessibilidade da criança na compreensão do que está a ler (para crianças que ainda não aprenderam a ler, a imagem desempenha um papel ainda mais crítico pois é através dela que elas efetuam uma leitura do texto).



O ponto de vista das crianças

As cinco crianças/adolescentes que documentei tinham idades compreendidas entre os sete e os quinze anos, e em todos os casos ambas as figuras parentais concordaram que, para a segurança deles, o mais apropriado seria não serem filmados ou gravados. Face a esta limitação que me foi imposta, irei registar apenas o exemplo do Daniel, com 12 anos de idade. Eis a narração do mesmo, quando pedido que contasse a história da Capuchinho Vermelho:

“Era uma vez a capuchinho vermelho. A sua mãe tinha pedido para que ela levasse comida à casa da sua avó, ela foi e a meio do caminho encontrou o lobo mau, e ele disse para ela seguir um caminho, ela seguiu esse caminho que era o mais longe, enquanto ele seguiu o caminho que era mais curto. O lobo mau chegou lá, ele bateu à porta da casa da avó e ela disse que ele podia entrar. Ele prendeu-a, comeu a avó, vestiu as suas roupas e a capuchinho vermelho tinha chegado à casa da avó. Bateu à casa da avó e o lobo mau deixou-la entrar. A Capuchinho vermelho depois perguntou “que nariz é esse?”, o lobo mau que estava disfarçado disse que era para a cheirar melhor, e depois ela perguntou “que boca grande é essa?”, “é para te comer melhor”. O lobo mau depois comeu a capuchinho, entrou o lenhador e abriu a barriga do lobo mau e meteu pedras na barriga dele”.

Após ouvir as histórias que me foram contadas, foi difícil não estabelecer comparações nas narrações das crianças e jovens, visto que todos eles eram de idades diferentes, e, por esse mesmo motivo, na sua qualidade discursiva já esperava encontrar comportamentos distintos. Contudo, como um dos objetivos deste projeto implicava uma analogia das narrações destas cinco pessoas, irei realizar alguns comentários de forma generalizada:

❖ Todos aqueles que se disponibilizaram para compartilhar comigo a sua versão da Capuchinho Vermelho estavam minimamente familiarizados com este conto;

❖ As suas versões da história não eram totalmente compatíveis, o que só vem mais uma vez a confirmar a cariz volátil deste tipo de conto muito antigo e histórico;

❖ As crianças pareciam ter mais dificuldade em desenvolver de modo linear a dimensão temporal da história. Foram frequentes as pausas e hesitações;

❖ Os adolescentes, por outro lado, já utilizavam um discurso mais fluente e elaborado para a narração, estando muito evidenciado o cuidado com a descrição do cenário ou das personagens.

O Patinho Feio (Inês Alves)

O Patinho Feio é um conto de fadas escrito pelo dinamarquês Hans Christian Andersen, publicado pela primeira vez em 11 de novembro de 1843. Em pesquisa descobri que já foi adaptado para uma curta-metragem da Disney em 1939.

Eu, Inês Alves, decidi selecionar esta história por um leque variado de motivos que passo a especificar. A sociedade de hoje em dia tem uma ideia muito marcada de beleza, levando tudo o mais exaustivamente à Perfeição. Todos, em algum momento da vida, já nos sentimos um patinho feio, porque não estávamos no lugar certo, porque as amigas ou família nos magoaram, porque não gostávamos de olhar para nós. Esta história consegue trabalhar com as crianças, embora não possuindo elas tal noção, questões como o Bullying, a Autoestima, Padrões de Beleza, Entreatada, etc. Temos a hipótese de passar um “flash” na cabeça

das crianças e metê-las a inquirirem-se pelo fundamento do gozo, do abandono.

Posso dizer que já contei esta história antes deste projeto e as crianças realmente sentem revolta por tudo que fazem ao patinho, mas simultaneamente sentem pena do mesmo, penso que talvez porque ele também é ainda um jovem patinho e as crianças acabam por viver a história.

Curso fala da fantasia que ocorre entre o feto que cresce no ventre materno e o bebê que é entregue nos braços da mãe. Há sempre uma espécie de decepção (seja ela sutil ou não), após a expectativa criada pela mãe em relação a seu bebê. Isto molda a vivência da infância, e o patinho busca a sua identidade, alguém que o aceite tal e qual ele é já que toda a solidão que sente vem, em muito, de ser abandonado e criticado por quem menos esperava.

No entanto, é preciso assimilar que, apesar de termos um substrato comum, que Carl Jung denominou inconsciente coletivo, somos seres distintos uns dos outros. Apesar de todos termos um nariz, dois olhos e uma boca, não existe um rosto igual ao outro. E é essa diferença que nos impulsiona para o processo de individualização, daí a moralidade: “São as nossas diferenças que nos tornam únicos.”

Por curiosidade, o *Patinho Feio* é o conto de Hans Christian Andersen que mais se aproxima da sua biografia. Assim como o personagem principal do conto, Andersen sofreu opressão diante da sociedade e humilhações por causa das suas origens sociais.

Construção do livro

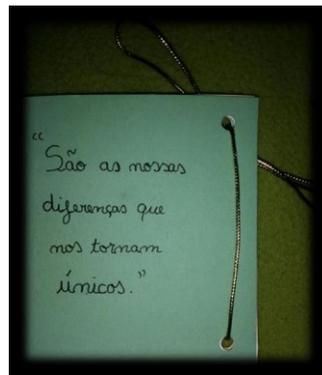
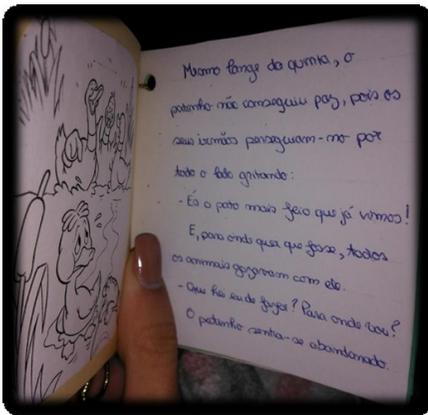
Eu escolhi fazer um livro de colorir, de modo a ser ainda mais estimulador para as crianças. Pintar o desenho vai levar a uma compreensão ainda mais atenta da imagem.

Os meus livros foram feitos usando cartolinas de 3 cores (branco, amarelo e verde), tendo a preocupação de nenhuma dessas cores tender mais para o sexo masculino ou feminino.

As imagens do livro foram escolhidas na internet de modo a se encontrarem interligadas à história.

As medidas do livro são 10x10cm e, de forma a embelezar a história, uni as diferentes páginas com um fio dourado que termina num laço.

A capa e contracapa têm o objectivo de causar impacto, uma vez que na capa escolhi a imagem de um pato que as crianças considerem “fora do normal”, ao invés que na contracapa escrevi uma lição de moral: “São as nossas diferenças que nos tornam únicos.”, levando as crianças a reflectir.



Análise das crianças

Devido à falta de permissão por parte de alguns pais de que gravássemos ou filmássemos os seus educandos, deixo aqui 3 testemunhos que vivenciei (as transcrições serão feitas tal e qual a produção das crianças).

Duarte (quase 3 anos)

“- O patinho é pequeno. A família não gostava do pato e tá sempre a usar nomes e o patinho comexou a aceditar que é feio. E ele quis saíde casa. Depois auanjou outa família do coação. Tá bonito e já gotam dele.”

Simão (7 anos)

“- Era uma vez um patinho que nasceu diferente dos irmãos. Como a mãe não o aceitava, o patinho acabou por ficar abandonado. Ele passou dias de frio e calor sozinho por muitos diferentes caminhos. A sua felicidade durava muito pouco, o que faz sentir tristeza pelo patinho, mas um dia a vida foi justa com ele e fez com que todos se calassem porque ele ficou uma ave de meter inveja às demais. O patinho ganhou novos amigos e companhia e foi feliz o resto dos dias.”

Santiago (9 anos)

“-Era uma vez, um dia muito feliz para a mama pata, os seus patinhos iam nascer. A mama preparou tudo para o nascimento, as mantas, o leitinho e um banho quentinho. Mas um dos filhos não queria nascer, e ela ficou desesperada a pensar que o ia perder, mas não perdeu porque o patinho decidiu sair da casca para surpresa da mãe que achou o filho oh um horror. Depois disso, os irmãos também foram muito maus com ele, deixando-o sempre sozinho.

Um dia, e fazendo muito bem, decidi ir embora. Andou por imenso tempo, andou, andou, mas nunca arranjava onde ficar, até que decidi descansar por um bocado à beira de um lago. Quando acordou estava transformado, em vez de um pato era um cisne branco e elegante. Era até o mais magro dos patos, tinha todas as qualidades que os outros patos não tinham. A partir desse dia nem mais uma lágrima escorreu pela cara do patinho.”

Para proceder a esta análise tive o cuidado de selecionar crianças com idades diferentes e discrepantes. Analisando as crianças acima e as do vídeo (Íris 9 anos, David 16 anos), retirei bastantes conclusões:

Todas as crianças apresentam conhecimento sobre a história, o que mostra que, em algum momento da sua vida, tiveram de a apreender;

- Algumas crianças contam, com mais pormenores, as histórias;

- Podemos criar também um contraste entre as idades, uma vez que as idades mais novas não apresentam uma narrativa tão extensa, assim como há uma linearidade de eventos sem qualquer segmentação temporal, as relações de causalidade não se encontram explícitas. Passando para uma idade mediana, já vemos a narrativa a começar por “Era uma vez...”, a orientação está melhor elaborada e já se nota uma maior preocupação com a manutenção referencial. Nas idades mais velhas nota-se a presença de um narrador mais maduro, que vivenciou mais experiências de contato com o mundo da literacia, que tem a capacidade de usar outro vocabulário, etc;

Posteriormente à entrega do livro à criança, uma vez que depois de contar a história, têm direito a ficar com um dos livros da história, tornou-se engraçado ver as crianças a consultar o livro, de modo a tentar perceberem se acertaram e contaram da forma correta.

A História do Eu, do Tu e do Ele (João Leonardo Esteves)

Com vista a traduzir sentimentos como alegria e bem-estar, com complementos de união e plenitude, decidi investigar com um conto que fizesse o investigado parecer destas sensações.

Surgiu então a História do Eu, do Tu e do Ele, por autoria de Tânia Santos, sendo, então, assim escrita: “Era uma vez o Eu, o Tu e o Ele que moravam na mesma rua, numa pequena cidade.

Cada um deles vivia numa linda casinha, muito confortável, (numa confortável casinha) com vista para o mar. Os três tinham uma boa vida pois nada lhes faltava: tinham boa comida, muitos brinquedos e uma caminha muito fofinha onde todas as noites se aconchegavam e sonhavam lindos sonhos.

Mesmo não tendo nada de mau nas suas vidas, o Eu, o Tu e o Ele sentiam que algo lhes faltava, mas não conseguiam descobrir o quê (mas não sabiam o que era!).

Numa linda manhã de sol (Numa manhã), cada um deles saiu da sua casinha para dar um passeio, e coincidiu de se encontrarem, os três, à beira mar. Por um instante, ficaram a olhar uns para os outros espantados, pois nunca se tinham visto antes. <<fica sem efeito esta palavra>>. Então os três, curiosos sem saber quem era cada um deles<<fica sem efeito esta frase>>, começaram a falar todos ao mesmo tempo, perguntando uns aos outros, quem eram, onde viviam e quais eram as suas brincadeiras favoritas. (Perguntando-se onde viviam e a que brincavam).

Depois de muita conversa, gargalhadas e brincadeiras, o Eu, o Tu e o Ele descobriram finalmente aquilo que lhes faltava... Eles precisavam de amigos! Precisavam de outros com quem pudessem partilhar os seus afetos, as suas conversas e brincadeiras (aventuras). A partir daí, o Eu, o Tu e o Ele, passaram a ser o Nós, um grupo de amigos muito unidos e feliz!”.

É necessário mencionar que a utilização desta história sofreu algumas, embora pequenas, alterações, sendo o sublinhado e indicado no texto acima, isto é, entre parênteses encontram-se as alterações, e a sublinhado, o que foi alterado.

Como se conclui então, esta história dá-nos a entender o poder da amizade e de como esta faz falta nas nossas vidas, enquanto seres intelectuais e pensantes. Podemos retirar estes motivos para, posteriormente, dar ensinamentos às nossas futuras crianças/alunos ou até em sujeitos adultos/mais velhos nas nossas comunidades.

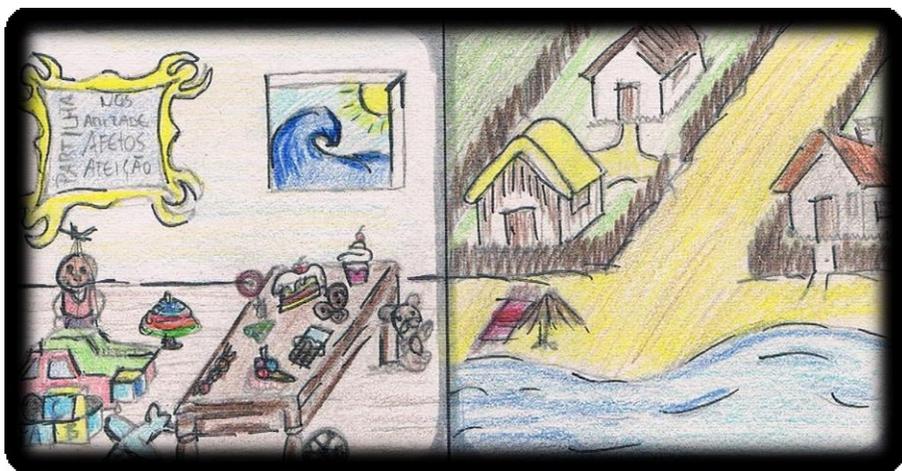
Trata-se de um conto diferente daqueles que se costumam contar às crianças. Sendo algo novo na sociedade, e escrito de forma pessoal, retratando também conceitos como os pronomes pessoais que caracterizam cada indivíduo, é uma forma de protagonizar este horizonte de imaginação.

Construção do Livro

A construção deste livro levou-me a pensar em alguns desafios. Primeiramente indicando as suas proporções. Comecei por pensar que poderia ser em pequenas dimensões, sendo mais indicado para público infantil. Então resolvi criar um livro pequenino e quadrado, portátil e de fácil acesso, ou seja, caracterizado pela sua simplicidade.

Posteriormente foram tratados os materiais, cartolinas, para melhor resistência ao manuseamento e de cores atrativas, novamente pensando em termos infantis, como é o caso do vermelho e do laranja. Selando então as suas capas e folhas com agrafos, uma forma mais simples de o completar.

Foi todo concebido à mão, com inclusão das ilustrações, desenhadas à medida do desenrolar do conto, de forma a que se reconhecessem estes desenhos como sendo uma criança a fazer, isto é, desenhei mesmo com o objetivo de parecerem desenhos de criança, em cadernos da escola, sendo novamente indicação de um livro caseiro.



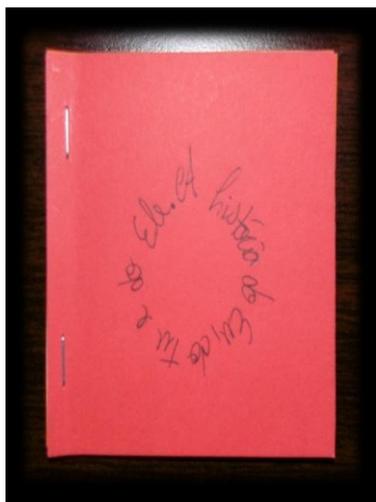
Nestas duas imagens veem as casas e os quartos de cada criança, referenciando que elas viviam umas ao pé das outras, na mesma rua, e com muito brinquedos, com muita comida boa e sem problemas. Idealizado tudo com cores bonitas e vivas como se fossem desenhos de crianças.

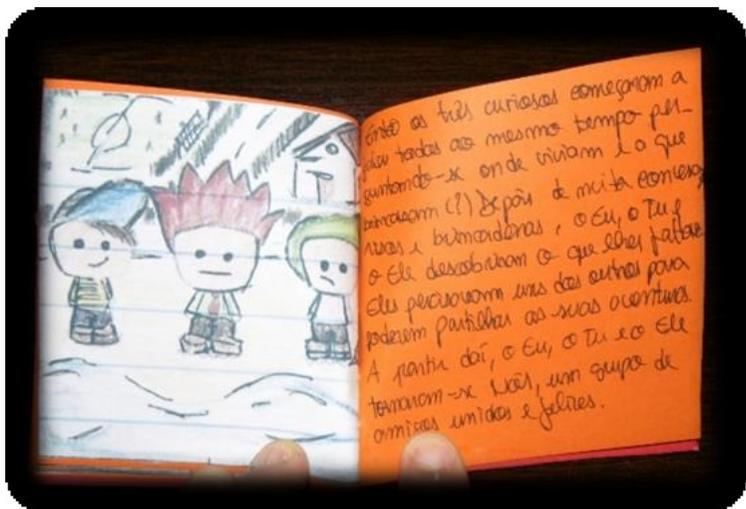
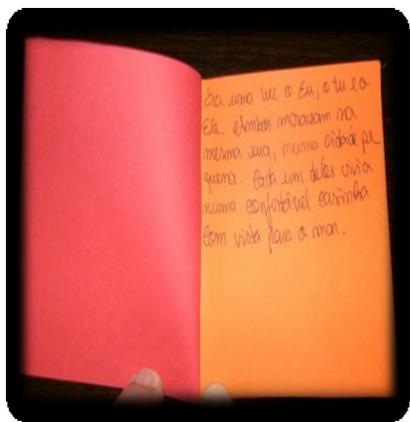
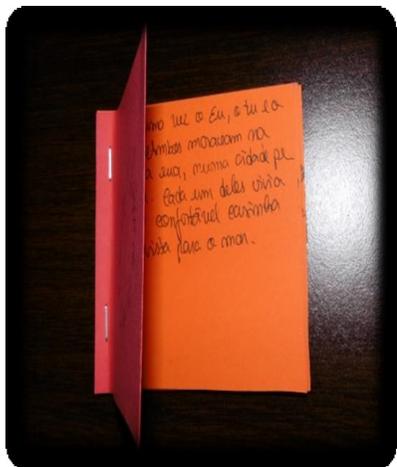


Entretanto, nestas outras duas ilustrações, notam-se as entidades faladas antes e depois de se conhecerem, como se

referencia no desenrolar da história. Estes sujeitos acabam por tornar-se grandes amigos e, então, decidi colocar algumas palavras, parecendo mesmo que foram crianças a escrever, importantes para a moral, como por exemplo, conforto, tu, afetos, ele, amor, amigos, nós e eu.

Nas capas, superior e inferior, decidi escrever o título e uma frase cativante a definir pelo conto, a ser, na capa superior está escrito o título da história de forma circular, a significar que a vida se torna num círculo e tudo corresponde a um ciclo de vivências. Na capa inferior escolhi a frase “A Nossa História”, como sendo retratado o “Nós” que indica no conto, que no final de contas, a literatura é de todos.





Análise dos sujeitos

Como forma de abranger mais população na comunidade, com o intuito de ter visualizações diferentes das da criança, neste texto decidimos projetar as mediações mais para o público-alvo mais velho, não esquecendo, igualmente, o público jovem. Temos, então, aqui público com 12 anos, com 18 anos, sujeitos com 20 anos e 23 anos – mediados em conjunto e um sujeito com 22 anos, sendo descritas então as mediações/diálogos respetivamente na seguinte divisão:

Tiago (12 anos): neste caso, temos uma criança que é bastante hiperativa e pensativa, facto que, por vezes, faz com que ele não consiga traduzir nem explicar bem tudo aquilo que quer dizer.

O mediador começa por perguntar o que ele achou da história, ao que o Tiago respondeu, que não sabia, que tinha muitas palavras. Tirando a conclusão que estava a custar a pensar. De seguida, para esclarecer melhor, o mediador pergunta se ele percebeu o que se passou na história, ao que respondeu: “o eu, o tu, e o ele, tornaram-se nós e viviam bem e foram dar um passeio, onde se encontraram... e depois...”

Perguntando então o mediador o que tinham começado a fazer, ao que obteve a resposta: “a perguntarem onde é que moravam”, ao que o mediador completou: “e isso quer dizer o quê? Perguntar onde moram, o que fazer, é começar a?” Ao que ele respondeu, “a falar”. Então, com algumas dúvidas se o Tiago tinha percebido a história, o mediador ainda complementa: “E achas que eles eram mais felizes na casinha deles, no quentinho, aconchegados, com comida ou na praia À beira mar com o tu e com o ele?” ao que obteve a resposta: “A brincarem na praia à beira mar. Era mais feliz com o tu e com o ele do que sozinho em casa.

Dizendo então o mediador: “Nós eramos mais felizes juntos”

Em síntese, o Tiago é um menino que não está habituado a pensar e a desenvolver muito sobre história. O mediador, neste caso, conhece a criança e esta é acostumada a brincar com os seus amigos na rua, o que dá a impressão de entender o porquê de ele achar que se está melhor com os amigos à beira mar. Contudo, também se sabe que o Tiago não é um menino de ler. Pessoalmente tem pouco contacto com livros, o que torna este pensamento crítico sobre os mesmos uma dificuldade constante. Foi então importante para este menino esta mediação, para o fazer entender melhor como funciona este universo da literatura, das histórias e de como percebe-las.

Vicente (18 anos): com um pouco mais de idade e consciência sobre o que se pretende trabalhar, procedemos então à leitura do livrinho e ele posteriormente deu a sua opinião acerca dos valores. Reparamos que, em todas as leituras feitas, por sujeitos mais velhos, isto é, neste caso os que estão acima dos 18 anos, não foi necessária tal mediação. Sinteticamente, os livros foram dados e, no momento posterior, foram partilhados os valores da história.

Neste exemplo, o sujeito propôs este entender: “Mesmo tendo tudo, como aqui diz, tipo... tendo todos os bens materiais, não é suficiente para ser feliz. Tipo... ter amigos, ter alguém para partilhar as cenas, falar, divertir, brincar, essas coisas todas. É isso o essencial, não é apenas a comida... não basta uma caminha fofinha e comida boa, com diz aí...”

No seu entender, achou a história um bocadinho básica e comentou o facto de o título estar escrito como estava e a frase no final ser um pouco mais indicada para crianças e não para ele.

Filipa 20 anos e Inês de 23 anos: como anteriormente dito, estes sujeitos maiores transmitiram-nos apenas a sua moral e não falaram muito mais sobre este livro simples: “Eles precisaram dos uns dos outros para se sentirem completos. Sozinhos, tipo, não são nada, sozinhos não existe o tu, o ele e o eu. Quer dizer, o eu existe, mas o tu e o ele não. Ao que o sujeito de 23 anos apenas comentou, completando a frase da Filipa, de 20 anos, “E para se sentirem felizes”.

Ao ver estes indivíduos a ter contacto com o texto e com o livro, senti alguma incompreensão, principalmente pela Inês, sendo a que menos deu o seu comentário sobre o pequeno livro, talvez o achando fácil de mais ou até sem curiosidade do que traduzia.

Luís (22 anos): A fazer esta mediação, verifiquei que este sujeito traduzia interesse pelo livrinho, dando também a sua opinião sobre a moral: “Tem boas intenções e parece dizer que não podemos estar sozinhos e quanto mais sozinhos estivermos pior vamos estar futuramente. O livro fez-me lembrar os tempos de criança de quando, mesmo que na consola, estava com os meus amigos, e isso era muito reconfortante, mesmo porque ainda os tenho comigo.” Verifiquei como curiosidade, que apenas três pessoas quiseram realmente ficar com os livrinhos, mesmo dizendo de início que os livros eram para eles e que tinham sido feitos para eles, só simplesmente três das cinco pessoas ficaram com os livros, que foram a Filipa de 20 anos, a Inês de 23 anos e o Luís de 22 anos, que foram os 3 universitários, embora o Luís já tenha acabado a sua licenciatura. Talvez por serem universitários, acolheram melhor esta iniciativa, mas tiro, como conclusão, que o jovem Tiago não gosta muito de ler, nem de livros, e acha até estranho que o Vicente se interesse por outras coisas para além da literatura, com a idade jovem que tem e com

muita incidência no desporto. Portanto, acho que é necessário tomar estes exemplos e criar metodologias alternativas para fazer a literatura e o gosto pela leitura chegar a todas as pessoas, de maneiras diferentes, pois todas as pessoas são diferentes, na sua educação, nos seus gostos e na sua forma de viver a vida.

O Pedro e o Lobo (Ana Rita de Almeida)

O Pedro e o Lobo foi o conto que selecionei como história infantil para trabalhar em contexto do projeto que o meu grupo se propôs a realizar com crianças, adolescentes, etc...

Inicialmente tinha escolhido a “Branca de neve”, contudo pareceu-me uma história que principalmente as crianças do sexo feminino parecem conhecer. Assim, optei então pela história do “Pedro e do Lobo” que me pareceu uma história mais “universal”. Escolhi este conto não só pela sua lição/moral, mas também porque foi-me contada várias vezes em contexto educativo e queria reviver essas memórias e, desta vez, pôr-me no lugar de contadora da história, de mediadora. Assim, tentei utilizar conhecimentos e técnicas aprendidas na unidade curricular e aplicá-los nesta atividade para que a experiência e o resultado final fossem mais parecidos com a nossa futura prática profissional como mediadores de literacia nos contextos em que iremos estar inseridos.

Pedro e o Lobo é uma Fábula de Esopo e dos Irmãos Grimm.

As fábulas constituem meios de partilha de ideias em várias culturas do mundo, são histórias que contêm conceções sobre a natureza física, a organização e funcionamento das sociedades, regras de conduta e comportamento, objetivos de vida que devem ser almejados. São transmitidas por pais, professores, etc... estão em livros, peças de teatro, filmes, em todas as formas de

comunicação. Contêm a experiência humana de séculos, mas devem ser analisadas com critério e sentido crítico.

Moral da História “Pedro e o Lobo”: ninguém acredita num mentiroso mesmo quando ele diz a verdade.

Construção do Livro

Num primeiro momento, tive de procurar a história e fazer as devidas alterações para que ficasse num tamanho considerável, mas que mantivesse a sua estrutura e objetivos.

De seguida, pus o texto em word, em pequenas caixas de texto, e fiz o mesmo com as ilustrações (para as crianças pintarem simulando um livro de colorir). Estas caixas foram recortadas para, de seguida, serem organizadas, de acordo com a ordem da história e serem depois coladas em quadrados de cartolina de 10cmx10cm cada um.

Por fim, fiz uma esquadria de 1cm e do lado esquerdo com o furador fiz dois furos para que, assim, pudesse passar um fio e finalizar o livro. E na contracapa escrevi a moral da história: “Na boca do mentiroso, o certo é duvidoso”.

Análise das Crianças/Adolescentes

As cinco crianças/adolescentes que documentei tinham idades compreendidas entre os seis e os dezasseis anos.

Joana, 6 anos: “Era uma vez o Pedro que tomava conta das ovelhinhas. Ele gostava de brincar e dizer que vinha o lobo. Mas ele não vinha. E depois o lobo veio e os homens não foram ajudar o Pedro. Vitória, vitória acabou a história.”

De seguida perguntei à criança se sabia qual era a lição que a história transmitia. Primeiro tive de lhe explicar o que isso significava e assim ela disse-me: “é para não mentir”.

Bruno, 8 anos: “Era uma vez um menino chamado Pedro. Ele era pastor. Um dia gritou:

- Lobo, Lobo! – e os homens foram ver, mas não era nada um lobo, o Pedro estava a mentir.

Ele fez isso muitas vezes e, um dia, aconteceu mesmo. Apareceu um lobo. O Pedro gritou outra vez, mas os homens não vieram ajudar porque pensaram que ele estava a mentir outra vez e o lobo comeu as ovelhas do Pedro.”

Quando lhe perguntei qual a moral da história respondeu: “Não devemos mentir muitas vezes seguidas porque depois não acreditam em nós”.

Xavier, 11 anos: “Era uma vez um menino chamado Pedro. Ele era um pastor que tomava conta de ovelhas. Um dia decidiu fazer uma partida e dizer que estava um lobo a matar as ovelhas dele.

Ele gritou:

- Lobo, Lobo!

Os agricultores vieram a correr para o ajudar, mas viram que não havia lobo nenhum.

Os agricultores ficaram muito aborrecidos com o Pedro e foram embora. O Pedro fez isto muitas vezes, mas nunca era verdade. Até que um dia foi mesmo verdade. Um lobo estava a atacar as ovelhas. Ele gritou para chamar os agricultores, mas eles não vieram.

O Pedro ficou sem as ovelhas porque os agricultores pensavam que ele estava a mentir outra vez.”

Perguntando-lhe qual achava ser a moral da história respondeu-me: “Eu acho que a moral da história é que não

devemos mentir. Porque olha, se eu te mentir muito, tu, depois, não vais acreditar em mim, mesmo que eu diga a verdade.”

Em relação a estas cinco crianças/adolescentes podemos ainda dizer o seguinte:

- Quase todas as crianças conheciam a história. Apenas a Joana não conhecia a história, mas aí, eu contei-lhe a história e, de seguida, pedi-lhe para que a recontasse.
- Algumas destas crianças/adolescentes contaram a história com mais detalhes (talvez devida à sua idade e capacidade de elaborar um discurso coerente).
- Algumas apresentaram uma história com mais linearidade, tentaram explicar as razões e os porquês dos acontecimentos da história.
- Todos utilizaram a forma hipercodificada “Era uma vez” para iniciar a história.
- Todas as crianças/adolescentes conseguiram, de uma maneira ou de outra, perceber a lição da história.

No fim da interação com as crianças/adolescentes, entreguei-lhes o livro e estas começaram a analisar o texto e os desenhos. Quando lhes disse que era para colorirem os desenhos, principalmente a Joana (a mais nova), ganhou mais interesse. Algo que reparei que eles gostaram bastante foi do facto de eu levar um gorro de Pai Natal (de acordo com a época Natalícia e com o nosso tema) e associaram o livro não só como uma lembrança/recompensa, mas como uma prenda de Natal.

Os Três Porquinhos (Ana Ferreira)

A história dos três porquinhos foi uma das opções visto que a grande maioria das crianças sabe contá-la. A primeira fase da

elaboração desta história foi a construção do livro, sendo este pequeno e colorido. A história foi transcrita de outro livro, com uma história resumida, mas de fácil percepção, para qualquer idade ou gênero.

Comecei por escrever a história em folhas de papel, de seguida desenhei porquinhos, num total de 18, pois iria realizar seis livrinhos, em esponja cor de rosa e com olhinhos de autocolante que mexem.

Quando os porquinhos estavam prontos, coleí em cartolina verde e escrevi o título da história, com um fio verde escuro, juntei a cartolin, ou seja, capa e contracapa às folhas com a história e a ilustração realizada por mim.

Após o livro estar pronto, passei à fase seguinte, entrevistando crianças entre os 3 anos de idade e os 10.

As crianças, que colaboraram neste trabalho, tinham contextos sociais e ambientes diferentes, pois é importante conhecer a realidade.

Comecemos por falar do Miguel, de três anos. Ele estava num bar de praia, quando o abordei, estava extrovertido e muito comunicativo. Estava como os pais, sendo eles a fazer o elo de ligação com a história. O Miguel sabia que existiam porquinhos e um lobo mau, sabia também como eram feitas as três casas, mas não conseguia interligar os acontecimentos da história sozinho, necessitou de ajuda. Após ter terminado uma história, a mãe do Miguel decidiu pedir-lhe para contar um conto à qual ele está habituado chamando-se “Ferdinando”.

Neste caso, a abordagem já foi diferente e houve muita mais interação por parte dele.

A seguir, falei com o Tomás, de sete anos, e o João, de dez anos. O Tomás começou por dizer que não sabia a história, mas o irmão sabia, no entanto, com a minha ajuda, o Tomás começou a

contar, teve ajuda do irmão e da mãe. No final, acabou por ler ele a história que estava escrita no pequeno livro que lhe dei.

A Marisol, de oito anos, foi a menina que contou melhor a história. No início, estava um pouco nervosa, mas acabou por conseguir descontrair e até cantou a música dos três porquinhos, adorou o livro e disse que o ia guardar.

Já a Bia e o Rodrigo, ela com oito e ele com seis, foram mais complicados de abordar, pois tinham imensa vergonha. O Rodrigo não tem muitas regras em casa e dizia muitos disparates quanto à história. A Bia, no início, não falava, mas acabou por me dizer que queria ler a história e, então, pegou no livro e começou a ler, eu ajudei-a e ela adorou a experiência, repetindo, mais uma vez, a história.

Em conclusão, podemos verificar que os três porquinhos têm imensas versões, mas todas elas possuem a mesma lição de vida. Notei que as crianças ficam, muitas vezes, envergonhadas ou nervosas para contar, mesmo que o saibam, mas facilita a presença de alguém importante para elas, seja um irmão, mãe, avó ou amigo. Também é importante quem está a entrevistar colocar a criança à vontade e ajudá-la nas suas dificuldades. Foi uma experiência incrível e estar em contacto com crianças que não conhecemos e elas darem um pouco de si a alguém desconhecido é fantástico.

Considerações finais

Perante esta intervenção de mediação leitora, mostrando-se um desafio, conseguimos concluir que grande parte das crianças tem uma fluência imensa na forma de conceber a arte da imaginação e, por consequência, conseguimos fazer com que os textos fossem partilhados com os seus leitores.

CAPÍTULO 10 - Mariana, a princesa que não sabia comportar-se ¹¹

Ana Isabel Fernandes

Ana Rita Costa

Beatriz de Almeida

Cláudia Rocha

Helena Castro

Introdução

Vivemos no contexto de uma sociedade tecnológica, pelo que é natural aproveitarmos estes recursos para promover o livro e a leitura. A nossa proposta consiste na construção um audiobook, com uma história da nossa própria autoria, que consideramos apropriada para o nosso público-alvo: as crianças! É, assim, que nasce a história da princesa Mariana.

Sem deixar o ramo das novas tecnologias, mais especificamente as tecnologias de comunicação, decidimos desenvolver a nossa atividade nas redes sociais Facebook e Instagram, para que fosse difundido ao maior número de crianças possível (com a ajuda dos adultos).

Os nossos objetivos com esta atividade foram difundir um pouco daquilo que aprendemos nas aulas, difundir literacia num meio onde o acesso à mesma é muito abundante, mas por vezes não é adequada para crianças. Como vimos nas sessões desta

¹¹ Fernandes, A. I.; Costa, A. R.; Almeida, B.; Rocha, C. & Castro, H. (2018). Mariana, a princesa que não sabia comportar-se. In F. Azevedo (Coord.), *Formar leitores literários. Ideias e Estratégias* (pp. 69-73). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança / Instituto de Educação.

unidade curricular, os pais/adultos são aliados do professor no que toca ao contacto dos filhos com a literacia e, como tal, esperamos que eles mostrem as peripécias da princesa Mariana (o audiobook) aos mais pequenos. Esta história pretende partilhar uma mensagem que, por vezes, é bastante problemática, especialmente quando falamos de crianças, as regras!

Deste modo, outro dos nossos objetivos foi exatamente tentar que as crianças percebam que as regras existem, têm um propósito e são para ser cumpridas.

Operacionalização

Numa primeira etapa de produção foi necessário distribuir as falas pelos vários elementos do grupo para que todos contribuíssem na verbalização do texto. Posteriormente, foi necessário escolher os cenários e elaborá-los consoante os diversos contextos apresentados no decorrer da história. Por último, recorrendo à utilização de um programa de criação e manipulação de vídeos, juntamos às representações dos cenários as vozes (já tratadas), de forma a que o vídeo ficasse do modo como o idealizamos inicialmente.

De seguida passámos à criação das páginas nas redes sociais e tentámos difundir-las ao máximo, para que o maior número possível de pessoas tivesse acesso à atividade.

Balanço

Um dos aspetos positivos relativos a este projeto foi a criação de uma história, que foi adaptada de um texto já escrito anteriormente. Ao escrever a história da princesa Mariana pudemos melhorar a nossa capacidade de escrita, desenvolver a

nossa imaginação e trocar ideias entre os elementos do grupo, o que nos levou, em alguns casos, a construir conhecimentos que não possuíamos. A criação da nossa própria história acabou por ser algo novo porque, a internet está cheia de vídeos e informações de história já nossas conhecidas, mas existem poucas histórias novas.

Um outro aspeto positivo foi a construção de um *audiobook*, algo que consideramos bastante original, mas trabalhoso. Para a realização deste, foi necessária a segmentação da história e a seleção das partes mais importantes para posteriormente se proceder à realização das ilustrações alusivas a estas partes. Também construímos conhecimento na realização do *audiobook* pois poucas de nós sabiam trabalhar com o programa utilizado (*movie maker*) e é necessária uma sincronização do som, que foi gravado por cada uma de nós, e as imagens que iam surgindo.

O terceiro ponto positivo do projeto foi a criação das redes sociais, Facebook e Instagram, como modo de divulgação. Acreditamos que os pais, que se deparem com as nossas páginas, podem mostrá-las aos seus filhos, uma maneira de lhes ensinar que são necessárias regras para se viver em sociedade. No fundo, esperamos que estas páginas possam servir para que as pessoas interajam umas com outras, mas, sobretudo, percebam o papel fundamental de uma Educação para a Literacia.

A narrativa: A história da Princesa que aprendeu a comportar-se

Era uma vez uma princesa chamada Mariana, que vivia num sítio muito longínquo, onde o sol brilhava todos os dias.

Todos a descreviam como uma menina pequenina, com uns lindos olhos verdes e um belo cabelo castanho aos caracóis. Mas

não se enganem! Ela tinha tanto de linda como de malcomportada.

Certo dia, quando a Mariana estava na aula de etiqueta, com o senhor Pires, este zangou-se. Há anos que a tentava ensinar a comportar-se, tal e qual era esperado de uma Princesa, mas a cada dia que passava, ela piorava. Na aula da “Introdução às boas maneiras”, que se destinava a ensinar a princesa a comportar-se à mesa, o Sr. Pires disse-lhe:

- Menina Mariana, aprecio muito o esforço que está a fazer, mas pela milésima vez, esse é o garfo de peixe e a menina está a comer carne!

- Oh, Sr. Pires, por favor! Pela milésima vez: eu tenho fome! E sabe, Sr. Pires, quando uma princesa tem fome, não se lembra qual é o garfo que terá que usar para tomar a sua refeição!

O pior é que não era só à mesa que a princesa Mariana se portava mal.... esta menina, com uns belos olhos e uns estonteantes cabelos encaracolados, partia as coisas do castelo, comia guloseimas a toda a hora e jogava futebol pelos corredores do castelo, onde repousavam os majestosos retratos dos seus antepassados. Farto de trabalhar sem ver resultados, o senhor Pires decidiu falar com o Rei Salomão, o pai da Mariana.

- Sua Majestade lamento muito estar sempre a incomodá-lo com estes assuntos, mas... - Não me diga que é a Mariana outra vez, Sr. Pires! A princesa não é assim tão malcomportada...

- Caríssimo Rei Salomão, o problema é que a menina não aprende o que lhe ensino e volto a ensinar... imagine que, na aula de comportamento à mesa, desta manhã, estive duas horas a insistir nas diferenças entre os garfos de carne e os garfos de peixe e quando a refeição de carne foi servida, a princesa almoçou com o garfo de peixe!

Zangado com a situação, e até um pouco envergonhado, o Rei decidiu mandar a sua única filha para um colégio interno, que ficava muito longe, para lá das colinas.

Quando Mariana soube da decisão do pai, chorou, esperneou e gritou, mas de nada lhe valeu, o Rei Salomão não mudou a sua determinação.

Quando chegou ao colégio, a princesa Mariana teve um grande susto: todos os meninos e meninas eram muito bem-comportados! A menina desanimou porque ninguém comia guloseimas o tempo todo, apenas comiam quando lhes era permitido. E, imaginem só, que ninguém jogava futebol nos corredores! Os dias foram passando e a princesa começou a fazer novas amizades e a perceber que todas aquelas regras que lhe eram impostas no colégio afinal tinham um propósito: o bom de não estar o tempo todo a comer guloseimas era não ficar com dores de barriga, que a obrigavam a ficar deitada na cama sem poder brincar. Mariana aprendeu também que jogar futebol, ao ar livre, era muito melhor, pois tinha mais espaço para poder jogar com mais amigos, entre muitas outras coisas. A menina lembrou-se assim de todo o esforço que o coitado do Sr. Pires fazia para lhe tentar ensinar todas essas coisas e decidiu mudar o seu comportamento. Um ano se passou e o comportamento da Princesa alterou a olhos vistos, por isso, a jovem pediu ao pai para voltar para casa e, em troca, ela tornar-se-ia a melhor Princesa que o reino poderia ter.

Mariana voltou para casa e foi uma Princesa exemplar. Tornou-se a Rainha mais adorada pelo povo.

Se viveu feliz para sempre, não sabemos. Mas sabemos que a Mariana ainda hoje não distingue o garfo de peixe do garfo de carne!

CAPÍTULO 11 - Para não seres cabeça dura, dedica-te à leitura ¹²

*Ana Isabel Sousa
Ana Raquel Pinho
Rafaela Figueiredo
Sara Gomes*

Introdução

Esta é uma atividade mais comum, que consiste em contar uma história e estabelecer com as crianças ouvintes um diálogo sobre a mesma. A atividade é complementada pela elaboração de marcadores de livros alusivos à leitura.

Descrição da atividade

Primeiramente, realizamos a leitura do livro na escola. Este falava sobre a Mili (uma coelhinha) ajudar e dar comida a todos os amigos no natal e eles retribuía no final ajudando a fazer a árvore de natal com ela. Com isto, nós levamos comida e todos no final ajudaram na realização da árvore de natal.

Depois contamos a história, desta vez com menos adereços aos meninos mais velhos. Não levamos tantos adereços porque, sendo estes meninos mais velhos, não têm tanta dificuldade de concentração.

¹² Sousa, A. I.; Pinho, A. R.; Figueiredo, F. & Gomes, S. (2018). Para não seres cabeça dura, dedica-te à leitura. In F. Azevedo (Coord.), *Formar leitores literários. Ideias e Estratégias* (pp. 75-76). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança / Instituto de Educação.

Por último, distribuímos marcadores para livros, com a divulgação de um livro, destinado a crianças de pré-escola, 1º ciclo ou jovem/adultos.

Balanço

Realizamos atividades de leitura numa escola e distribuímos marcadores de livros pelas ruas.

Relativamente às atividades na escola, consideramos que tanto as crianças como toda a instituição apreciaram a nossa atividade, pois foi realizada com um objetivo: incentivar a leitura.

Quanto à distribuição dos marcadores de livros, julgamos ter sido uma atividade enriquecedora no sentido em que o nosso grupo não só fez marcadores de livros para crianças de faixas etárias diferentes, como também para adultos. Os adultos a quem distribuímos eram pais ou avós das crianças. Sendo assim, a criança podia observar que ler não só faria bem a ela, mas também a quem ela considera um exemplo.

Referências

- Azevedo, F. & Balça, A. (Coord.) (2016). *Leitura e Educação Literária*. Lisboa: Pactor.
- Azevedo, F. & Sardinha, M. G. (Coord.) (2013). *Didática e Práticas. A Língua e a Educação Literária*. Guimarães: Opera Omnia.
- Azevedo, F. (Coord.) (2007). *Formar Leitores. Das Teorias às Práticas*. Lisboa: Lidel.
- Barros, L. (coord.) (2014). *A Leitura como Projeto: Percursos de leitura Literária do Jardim de Infância ao 3º CEB*. Porto: Tropelias & Companhia.
- Cerrillo, P. (2007). *Literatura Infantil y Juvenil y Educación Literaria. Hacia una nueva enseñanza de la literatura*. Barcelona: Octaedro.
- Cullinan, B. E. (2003). *La Lectura en el Aula: Ideas y Estrategias de Enseñanza para la Formación de Lectores*. México: Trillas.
- Frankl, V. E. (2012). *O homem em busca de um sentido*. Cordova: Lua de Papel
- Sorensen, M. & Lehman, B. (Ed.) (1995). *Teaching with Children's Books. Paths to Literature-Based Curriculum*. Urbana: National Council of Teachers of English.
- Yopp, R. H. & Yopp, H. K. (2001). *Literature-Based Reading Activities*. New York: Allyn and Bacon.

Sobre o organizador da obra

Fernando Azevedo é docente do Instituto de Educação da Universidade do Minho (Braga, Portugal), onde é o responsável pela regência de unidades curriculares de pós-graduação nas áreas da Literatura Infantil e Juvenil, Didática e Formação de Leitores. Tem larga experiência de supervisão de pesquisas de doutoramento em Estudos da Criança / Literatura para a Infância. É Doutor em Ciências da Literatura e membro do Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), sendo o responsável pela linha de pesquisa “Produções Culturais para as Crianças”. Integra o Observatório de Literatura Infanto-Juvenil (OBLIJ) e a Rede Internacional de Universidades Leitoras (RIUL). Possui obras publicadas nos domínios da hermenêutica textual, literatura infantil e formação de leitores.

Email: fraga@ie.uminho.pt

Universidade do Minho

Instituto de Educação

Departamento de Estudos Integrados, Literacia, Didática e Supervisão

Campus de Gualtar

4710-057 Braga – Portugal.

Telefone: +351253601246

Fax: +351253604250